

FUNCIONAMENTO DA EDUCAÇÃO DOMICILAR (*HOMESCHOOLING*): análise de sua situação no Brasil

Camila Oliveira da Silva¹

Daniel Ribeiro Batista¹

Isadora Antunes de Andrade¹

Gustavo Antônio Noronha de Lima¹

Leandro Alves Pereira¹

Orientadora: Vera Lúcia Lins Sant'Anna²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o funcionamento do método de ensino domiciliar ou, como é mais conhecido, “*homeschooling*”, que teve origem nos EUA, mas que, atualmente, tem se espalhado por todo o mundo. Embora no Brasil seja um assunto pouco discutido, a cada dia vemos que esta “barreira do silêncio” está sendo quebrada e o tema tem ficado mais em evidência, tanto que, mesmo com todas as dificuldades, já se estima um número de mais de 800 famílias em todo o país que optam por educar seus filhos em casa. Desta forma, neste artigo, tentaremos tanto fomentar a discussão a respeito do *homeschooling* no âmbito acadêmico, como também apresentá-lo para as pessoas que ainda não o conhecem, esclarecendo melhor o significado de educar os filhos em casa, como isso ocorre, qual a situação jurídica brasileira, a análise de casos e outros aspectos.

Palavras-chave: Métodos de ensino. Educação domiciliar. *Homeschooling*.

¹ Alunos do 5º período do curso de Letras da PUC Minas.

² Doutora em Ciências da Religião (UMESP), Mestre em Educação (Mackenzie-SP). Professora e pesquisadora da PUC/Minas.

ABSTRACT

This article aims at analyzing the functioning of the homeschooling method, which originated in the USA, but has currently spread throughout the world. Although, in the case of Brazil, it is a little discussed issue, we see every day that this "wall of silence" has been breaking and the subject is gaining more evidence, so that the estimated number of families across Brazil that chose to educate their children at home is already over 800, even with all the difficulties. Thus, through this article, we try both to foster discussion about homeschooling in the academic sphere, as well as introduce it to people who do not know it yet, adding further explanation on the meaning of educating children at home, how it occurs, Brazilian laws regarding it, case analysis etc.

Keywords: Teaching methods. Homeschooling.

1 INTRODUÇÃO

Muitas vezes, olhando para a situação da educação no Brasil que, em muitos sentidos, ainda enfrenta uma série de dificuldades, e diante da perplexidade da não existência de outras formas de ensino além dessa que se encontra em vigor – e que obriga os jovens a passarem a maior parte de sua infância e juventude dentro de salas de aulas, como se todo o conhecimento estivesse ali e como se estivéssemos diante do melhor que a educação pode oferecer – surgem questionamentos sobre o que pode levar alguns ao desânimo e outros à busca de novas possibilidades para a construção do conhecimento, como a que será apresentada neste estudo no qual procuramos conhecer melhor o método de ensino domiciliar, ou, como é conhecido internacionalmente, *Homeschooling*.

Esse método surgiu como uma alternativa para o modelo engessado em que se tornou a educação moderna, fato não apenas atestado por nós, mas por uma

série de autores que, à sua maneira, perceberam que havia algo de errado e propuseram uma inovação sobre a qual este artigo, fará uma abordagem, mostrando não apenas a teoria, mas um método prático, uma outra via para a educação das crianças e dos jovens.

Saindo da visão que coloca a escola no centro de tudo, e que domina grande parte das discussões políticas e acadêmicas, visto que nessas discussões públicas aparecem, na maior parte do tempo, debates sobre escola de tempo integral, escola nova, escola plural entre tantas outras, sempre como tentativas de “recriar a escola” ideal que, até certa medida, foi muito bem representada por Ivan Illich, apesar de não concordarmos com sua tese de que as escolas devem acabar:

Metade dos habitantes desse planeta jamais colocou os pés numa escola. Não tem contacto com professores e não usufrui do privilégio de abandonar a escola antes de completar o curso (drepout). Apesar disso aprendem com relativa eficiência a mensagem transmitida pela escola: precisam de escola sempre e sempre mais. A escola os instrui na sua própria inferioridade, através da cobrança de impostos escolares, ou através de um demagogo que cria expectativas pela escola, ou através de seus filhos quando estes já morderam o anzol. Desse modo os pobres são despojados de sua auto-estima, pela submissão ao único credo que garante a salvação apenas pela escola. A Igreja lhes deu ao menos uma chance de arrependimento na hora da morte. A escola lhes deixa a expectativa (uma esperança vã) de que seus netos o farão. Esta expectativa refere-se, obviamente, a um maior aprendizado oriundo da escola e não de professores. (ILLICH, 1985, p. 44).

Como vemos em Illich (1985), existe algo quase messiânico na visão de escola atual, caminho que a educação domiciliar não se propõe a trilhar, pois se oferece como uma forma de quebra desse ciclo, ao se apresentar como um método no qual a criança não frequenta uma instituição regular de ensino, sendo educada preferencialmente pelos pais. Contudo, de acordo com as circunstâncias, também pode receber auxílio externo, como o de tutores particulares para disciplinas nas quais os pais se veem incapacitados de ensinar ou matrícula em atividades externas, como é o caso de cursos para o aprendizado de línguas estrangeiras, esportes, música, por exemplo. Desta forma, ainda que o nome seja “educação domiciliar”, podemos ver que não quer dizer, necessariamente, que tudo que os pais desejarem ensinar aos filhos será transmitido por eles próprios.

2 HISTÓRIA DO *HOMESCHOOLING*: SEU INÍCIO NOS EUA E NO BRASIL

Muitas pessoas, entre as quais, os juizes, deputados e burocratas que compõe o Estado brasileiro, como demonstram seus pronunciamentos nas poucas vezes que o assunto do *homeschooling* surge em discussões e projetos de leis, o veem como algo que começou há poucas décadas e que, antes disso, sempre tivemos apenas escolas tradicionais. Contudo, é importante ressaltar que o movimento iniciado há relativamente pouco tempo atrás, como iremos mostrar mais adiante, foi muito mais um ressurgimento de uma iniciativa que já existia, mas que foi esquecida ou ignorada por grande parte da sociedade, do que a criação de uma coisa totalmente nova. Pelo contrário, como nos apontam Vieira (2012) e Vasconcelos (2007), desde o século XVIII e até meados do século XX, nós tínhamos algo bem similar ao que se apresenta hoje, visto que, nos EUA, local onde o atual movimento surgiu, desde a época colonial já existiam famílias que educavam os filhos assim. Grandes personalidades, como, George Washington, por exemplo, foram educadas em casa, como nos mostra Vieira:

A força da homeschool nos Estados Unidos encontra raízes profundas no prestígio que a prática gozava entre os founding fathers do país: George Washington, Abraham Lincoln, Thomas Jefferson e Benjamin Franklin foram todos educados em casa. (VIEIRA, 2012, p. 16).

No Brasil, da mesma maneira, havia um grande número de pessoas que eram educadas em casa, chegando, em alguns momentos, a ser maior o número de pessoas educadas domiciliarmente do que nas escolas. Conforme aponta Vasconcelos:

Os professores particulares, também chamados de mestres particulares ou mestres que davam lições “por casas”, eram mestres que davam lições “por casa”, eram mestres específicos de primeiras letras, gramática, línguas, músicas, piano, artes e outros conhecimentos, que visitavam as casas ou fazendas sistematicamente, ministrando aulas a alunos membros da família, ou agregados, individualmente.

[...]

Os preceptores eram mestres ou mestras que moravam na residência da família, às vezes, estrangeiras, contratados para a educação das crianças e

jovens da casa (filhos, sobrinhos, irmãos menores).

[...]

Havia, ainda, encarregados da educação doméstica, membros da própria família, mãe, pai, tios, avós, ou até mesmo o padre capelão, que ministravam aulas no espaço da própria casa, não tendo custo algum e atendendo apenas às crianças daquela família ou parentela. (VASCONCELOS, 2007, p. 27-28).

Importante notar que, mesmo assim a educação domiciliar, na maioria das constituições, nunca foi verdadeiramente regulamentada. Nas épocas em que era popular, as constituições federais, no máximo, citavam a autonomia da família para educar os filhos, tendo liberdade na escolha dos métodos pedagógicos e estando sempre acima do Estado, uma vez que a autoridade maior na educação dos filhos era sempre considerada como vinda dos pais. Apenas nas constituições de 1946 e de 1967 foi mencionada expressamente a possibilidade do ensino em casa (VIEIRA, 2012), mas, ainda assim, sem grandes regulamentações quanto à forma como seria ministrado. Desse modo, podemos ver como, ignorando a realidade que a cercava, a classe governante nunca se preocupou em realmente oficializar uma prática tão comum e que, por tanto tempo, foi a única forma de ensino para tantos brasileiros.

Com toda essa história por trás da educação domiciliar, como ela foi tão esquecida? Isso se deu, principalmente, devido ao crescimento das instituições formais de ensino. Com o aumento da infraestrutura das escolas, o governo pôde agir maciçamente na divulgação da escola como o principal e quase que único método de aprendizado, criando constituições que ignoravam completamente uma realidade tão viva como a da educação domiciliar que foi, aos poucos, ou sendo praticada apenas em áreas muito remotas ou se extinguindo, pois, na “nova cultura escolar”, a escola tomou para si o direito de educar. Somado a isso, também ocorreu a proliferação das escolas e sua popularização. Os mestres que ensinavam nas casas se sentiram tentados a se mudarem para as escolas, devido à estabilidade financeira que poderiam encontrar (VASCONCELOS, 2007).

Em seu “ressurgimento”, a educação domiciliar “moderna” tem como origem movimentos de contracultura que se iniciaram por volta da década de 60, nos EUA.

Nos anos 1960 e 1970, no entanto, o cenário das ideias começa a se transformar e tanto a esquerda quanto a direita política fazem movimentos

similares e contrários às instituições dominantes. Como afirma Soard, “a esquerda considerou que o governo fazia propaganda direitista; a direita, que a propaganda era socialista secular”. Em *Compulsory Miseducation* (1964), Paul Goodman, representante da primeira linha, ataca o então crescente sentimento popular pela escolaridade obrigatória, que considerava “superstição de massa”. Eram os anos das grandes reformas da educação pública americana. (VIEIRA, 2012, p. 16).

Seguindo todo esse sentimento de insatisfação, foram surgindo pensadores como Paul Goodman, Ivan Ilich e John Holt, todos os cidadãos americanos (VIEIRA, 2012) que, diante da situação das escolas da época, questionavam a eficácia da escola moderna para educar e inspirar os alunos na defesa de valores morais e sociais, ou transmitir o conteúdo. Dos três pensadores, talvez o que mais se destacou foi Ivan Ilich, que chegou a pregar o fim das escolas, o que não é um consenso no movimento *homeschooling*, visto que a maioria dos praticantes do método o vê como apenas mais uma alternativa na educação dos filhos e não como algo para ser utilizado na luta pelo “fim das escolas”. Contudo, o pensador que deu o verdadeiro “ponta pé inicial” foi John Holt que, em 1976, lançou seu livro *Instead of Education: Ways to Help People Do Things Better* (VIEIRA, 2012).

Após toda a agitação criada por esses teóricos, houve, ainda, devido principalmente à secularização da educação, ideologias de libertação sexual e tantos outros fatores que iam contra os valores morais e religiosos de grande parte da população. Líderes religiosos e pensadores cristãos da educação, também pegaram a bandeira do *homeschooling* para si, como é o caso do casal adventista Raymond e Dorothy Moore e do líder evangélico James Dobson (BARBOSA, 2013), que investiram na divulgação e promoção desse método por todo o país e, conseqüentemente, por todo o mundo. Verificou-se que o processo que foi se desenvolvendo de modo a possibilitar a criação de associações políticas pró *homeschooling*, cooperativas de famílias, políticos defensores da causa, chegando até o ponto de que todos os estados americanos aceitassem a prática, ainda que cada um à sua maneira, havendo diferenças nas formas de aplicação em cada estado.

No caso do Brasil, o ressurgimento veio, principalmente, por influência de

pensadores e pastores americanos que, por terem contato com igrejas no Brasil, acabavam por transmitir suas ideias a respeito da educação domiciliar para os fiéis que, em seguida, repassavam para outras pessoas e assim por diante (VIEIRA, 2012). Com o tempo, o interesse por esse modelo de educação também foi despertado em outros tipos de famílias, fora do grupo protestante. Em pesquisa realizada em 2013, estimava-se que mais de 800 famílias (SIMONS, 2013) em todo o país ensinavam os filhos em casa, número que provavelmente já aumentou de lá para cá.

Apesar de já contar com um número representável e crescente, a educação domiciliar se encontra em um processo de conquista de espaço, posto que, legalmente, ainda não se chegou a um consenso quanto a sua legalidade ou não.

O primeiro projeto de lei na tentativa de regulamentar o ensino domiciliar no Brasil é de 1994, apresentado pelo então Deputado João Teixeira:

A consultoria legislativa conclui pela intempestividade de uma proposição formal. Mesmo assim, seis meses depois, o Deputado apresentou o Projeto de Lei nº 4657/94, que autorizava “a prática do ensino domiciliar no 1º grau”, determinando que o currículo obedecesse às normas do MEC, que o grau de desenvolvimento do aluno fosse avaliado semestralmente junto à rede estadual do ensino, que a rede de ensino domiciliar não tivesse fins lucrativos, que os responsáveis (pais) fossem previamente cadastrados no órgão de ensino competente, que o calendário das atividades de ensino fosse apresentado com antecedência à escola na qual seria prestado o teste e que as aulas fossem ministradas conforme programa escolar aprovado pelo MEC. (BOUNDENS, 2002, p. 4).

Nesse caso, o projeto foi rejeitado pelo então relator, Carlos Lupi, afirmando que ele não era necessário, pois não havia nenhum tipo de impedimento na constituição que inviabilizasse a prática do ensino domiciliar. Em 1997, 2001, 2006, 2008 e 2009, tramitaram outros projetos no congresso, tentando regularizar a situação e, em 2006, foi negado a uma família o pedido para a legalização do método de ensino. Mesmo assim, ela continuou educando os filhos, os quais conseguiram entrar na faculdade de Direito de uma faculdade particular de Ipatinga (BARBOSA, 2013).

Em um projeto de 2009, ao contrário dos outros, houve a participação de uma

“comitiva” para discutir a situação da educação domiciliar, sendo chamado:

- a) - Sr. Carlos Artexes Simões, representante do MEC;
- b) Sr. Cláudio Ferras Oliver, mestre em educação pela PUC do Paraná;
- c) Sr. Cleber de Andrade Nunes, pai de família de Timóteo que educa dois adolescentes em casa; Prof. Luiz Carlos Faria da Silva, doutor em educação pela Universidade Estadual de Campinas e professor da Universidade Estadual de Maringá (PR);
- d) Prof. Alexandre Magno Fernandes Moreira Aguiar, procurador do Banco Central do Brasil, professor de Direito na Universidade Paulista (BARBOSA, 2013).

Dentre as discussões, foram ouvidos todos os depoimentos e apenas o representante do MEC se manifestou contra a aprovação. Por fim, o projeto foi arquivado só voltando a ser novamente discutido, votado e negado em 19 de outubro de 2011. (SAUCEDO, 2013).

Começando com um relato de um deputado favorável ao ensino domiciliar e terminando com tantos projetos de lei negados, nos perguntamos qual é a verdadeira situação legal do *homeschooling* no Brasil. Do ponto de vista da Constituição de 1988, podemos dizer que ela, por si só, não proibia a prática da educação domiciliar, pois, tomando como ponto de partida o seu art.3º: “é prestigiada a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber” (art. 3º, II), bem como o “pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas (III)” (BARBOSA, 2013, p. 46). Sendo assim, a educação domiciliar se encaixaria no “pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas”, visto que não há na constituição algo que a proíba e nenhum adendo a essa definição de “pluralismo” que afirme a impossibilidade de utilizá-la como concepção pedagógica.

Ainda que a constituição não proíba, o grande problema veio com o “Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990, que no artigo 55, obriga a matrícula na rede

regular de ensino.” (VIEIRA, 2012, p. 30). Com esta nova lei, as crianças teriam que ser matriculadas em instituições de ensino reconhecidas pelo governo, o que, teoricamente, impossibilitaria o ensino em casa. Entretanto, é possível pensar que a educação domiciliar poderia muito bem ter sido reconhecida pelo governo e regulamentada, cumprindo a necessidade da presença e da matrícula, que só seriam postas em prática de uma forma diferente, mas respeitando a pluralidade de ideias.

Podemos ver, claramente, neste caso, como o governo deixa de ser representativo para ser coercitivo, pois, em uma democracia, quando tais movimentos surgem na sociedade, o que o governo deve fazer é, através de pesquisas sérias e da análise das circunstâncias das famílias que buscam esses métodos, tentar aprender com a experiência de outros países que adotaram formas de ensino, o que os congressistas e outros membros da máquina pública, como o MEC, Ministério Público, simplesmente, não se dispõem a fazer. É ainda pior perceber que, sem um grande debate público ou uma consulta ampla a população, o governo altera os métodos pedagógicos que dão o rumo da educação no país, cria matérias de educação sexual sem ao menos consultar as famílias (AZEVEDO, 2011), passando por cima da Constituição, na qual é dito que os valores morais e religiosos do indivíduo devem ser respeitados. Ou seja, vemos dois pesos e duas medidas, pois o governo pode testar todo tipo de método e usar e abusar da “pluralidade” pedagógica, enquanto as famílias e, em consequência, a sociedade brasileira, não podem tentar uma nova alternativa de ensino.

Para não se estagnarem na luta pela regulamentação do *homeschooling*, em 2010, um grupo de defensores da educação domiciliar criou a ANED (Associação Nacional de Ensino Domiciliar), por sugestão do Deputado Federal Leonardo Quintão, que também luta pela causa no congresso (BARBOSA, 2013). Além da associação, hoje já é possível encontrar na rede um vasto número de *sites*, *blogs*, páginas no *facebook*, que defendem essa prática de ensino, servindo não só para a luta política, mas também para que as famílias se auxiliem, se conheçam, marquem encontros e se comuniquem. Mesmo que haja tantas dificuldades, o movimento não

para de crescer e, cedo ou tarde, terá de ser aprovado pelo governo.

Para não dizer que os pais que decidem educar os filhos em casa estão totalmente desamparados no que diz respeito à questão legal, há alguns caminhos que eles podem tomar, tornando viável essa educação, ainda que de forma discreta. Ao entrar em contato com algumas famílias, como iremos mostrar mais a frente, descobrimos que, educando os filhos em casa, caso o Ministério Público vá atrás das famílias, os pais, muito dificilmente, correrão o risco de perder a guarda dos filhos. Normalmente, inicia-se um processo judicial que pode durar um bom tempo e, na hipótese de uma condenação, os pais serão obrigados a pagar uma multa e recolocar os filhos de volta na escola, se forem menores de idade. Portanto, se uma criança de 13 anos é obrigada pelo MP a voltar para escola, os pais irão pagar uma multa e ela retornará a série que corresponda a sua idade. Contudo, já passado dos quinze anos, a maioria das famílias não acata a decisão do governo, devido a certa “brecha” que existe na lei brasileira, pois aos quinze anos os jovens já podem fazer a Educação de Jovens e Adultos (EJA) para conseguirem o diploma do primeiro grau e, esperando mais três anos, aos dezoito, podem prestar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e conseguirem o diploma de conclusão do ensino médio. Portanto, mesmo que não seja regulamentada, a situação no Brasil favorece a autenticação da educação das crianças e jovens que são educados em casa.

Por incrível que pareça, é preciso relatar o único caso em que a educação domiciliar foi aceita e formalmente regulamentada pelo governo, no qual o Prof. Luiz Carlos Faria da Silva, formado em pedagogia e com doutorado na área da educação conseguiu, em 2007, juntamente com sua esposa, a autorização do governo para ensinar seus filhos em casa (VIEIRA, 2012). Fato que já mostra a contradição nas leis brasileiras, nos levando a pensar que educação domiciliar ainda não ser formal é muito mais uma questão de interesse pessoal das pessoas que estão no governo do que um problema objetivo a respeito de questões legais.

3 A METODOLOGIA UTILIZADA NA EDUCAÇÃO DOMICILIAR

Um aspecto a ser destacado é a diferença entre *unschooling* e *homeschooling*. O primeiro se posiciona totalmente contra a escola, advoga um método de ensino anárquico, no qual os pais não devem desenvolver formas estruturadas de ensino para seus filhos, pois as crianças e jovens devem aprender com o mundo, como se eles já tivessem tudo o que precisam para aprender e só fosse preciso deixá-los livres.

“Unschooling, para mim, significa aprender o que a pessoa quer, quando quer, da forma como quer, onde quiser e pela razão que for. O aprendizado é direto; ajudantes ou facilitadores são procurados à medida que a pessoa quiser” (GRIFFITH, 1998, p.3, tradução nossa).

Pelo contrário, no *homeschooling*/educação domiciliar, acredita-se que devem existir certos padrões no ensino, que existem métodos bons e outros ruins, que a criança tem sim a sua subjetividade, mas que isso não quer dizer que ela deva ser independente a ponto de só aprender o que quiser, ou que lhe dê prazer.

Um dos principais benefícios do *homeschooling* é a habilidade de adaptar a educação de acordo com as necessidades de cada estudante e a possibilidade de trabalhar com a criança de forma mais individualizada. A maioria das escolas tem um professor para um grupo de alunos, o que não permite que as necessidades educacionais de cada criança sejam realmente conhecidas. Mas famílias que educam em casa usam uma grande variedade de diferentes para alcançar o fim que desejam. Muitas famílias usam uma forma de abordagem que segue muito o estilo, escopo, sequência e materiais utilizados nas instituições de ensino tradicionais. Outras famílias escolhem abordagens padronizadas de modelos da educação clássica, incorporando lógica, latim e o desenvolvimento do pensamento crítico. Algumas famílias usam um modelo mais holístico de aprendizado, que integre arte e natureza dentro do currículo. Outros unem o trabalho de educar de forma que atendam as especificidades de cada criança e os problemas de aprendizado ou até mesmo o estilo que se encaixe melhor no perfil da criança, assim como a dificuldades com os materiais escolares, da forma como são apresentados nas “escolas tradicionais”. A maioria utiliza uma variedade de abordagens, testando diferentes materiais, métodos e escolhendo o que melhor se adaptar a criança. Porque o *homeschooling* fornece aos pais a habilidade de customizar um meio de aprendizado para cada criança. (DUMAS, GATES; SCHWARZER, 2008, p.10, tradução nossa)³.

³One of the main benefits of homeschooling is the ability to tailor the education according to the needs of each student and the ability to work with the child more individually. Most schools have a teacher for a group of students, which does not allow the educational needs of each child are actually known. But families who homeschool use a wide variety of different to achieve the purpose they desire. Many families use an approach that follows much the style, scope, sequence and materials used in traditional educational institutions. Other families choose standardized approaches models of classical education, incorporating logic, Latin and the

Como vemos, a educação domiciliar é capaz de oferecer uma variedade de métodos e, ao mesmo tempo, uma maior liberdade de teste e facilidade de mudança na forma como se aborda a educação da criança. Se novas pesquisas demonstrarem que um método está ultrapassado, os pais podem, de forma gradual, mudar a forma como educa os filhos. Isso os obriga a serem mais responsáveis sobre o que se passa no âmbito da educação, pois, como eles estão no comando e terão que assumir as responsabilidades pelos filhos, o que é outro benefício, pois, além do desejo de ensinar com a proteção da paternidade, acabam por se empenharem mais para que seus filhos se saiam bem. Todavia, ao passo que na educação domiciliar temos essa facilidade, numa escola pública, por exemplo, para se mudar o método de ensino, seria preciso toda uma reforma política, uma adaptação das estruturas e a capacitação dos professores, enfim, seria um processo muito longo e demorado, além do fato de que, devido à influência do grupo que “domina” as instituições educacionais, podem se passar anos sem que ninguém se dê conta de que as coisas estão erradas, pois quem está inserido no processo encara tudo como “normal” ou como “pequenos problemas” que sempre estarão presentes.

Somando a tudo isso, no processo de educação domiciliar, os pais são capazes de oferecer uma educação padronizada, com oportunidade de acompanhamento e que seja mais seletiva, uma vez que também podem escolher os profissionais que educarão seus filhos, ao passo que, na escola, por mais que sejam seletivos, sempre estarão sujeitos ao grupo de professores contratados. Além disso, as crianças teriam uma liberdade muito maior para se desenvolverem no âmbito das artes, pois nenhuma escola é capaz de ensinar, por exemplo, aula de piano, guitarra, trompete, bateria, pintura, escultura, desenho, colocando tudo isso à

development of critical thinking. Some families use a more holistic model of learning that integrates art and nature within the curriculum. Others join the work of educating in order to meet the specificities of each child and learning problems or even the style that best fits the child's profile, as well as difficulties with school materials, as they are presented in "traditional schools". Most use a variety of approaches, testing different materials, methods and choosing what best fits the child. Because homeschooling provides parents the ability to customize a means of learning for every child (DUMAS; GATES; SCHWARZER, 2008, p.10).

disposição do aluno. Já na educação domiciliar, com maior liberdade de teste, a criança pode passar por várias experiências até que escolha um campo da arte em que se saia melhor. De modo semelhante à “educação tradicional”, na educação domiciliar também existe, normalmente, um desenvolvimento seriado, ou, como alguns chamam hoje em dia, um desenvolvimento em “ciclos”. Com isso, os pais possuem certo cronograma a ser seguido ao longo do ano, com os conteúdos que a criança deve aprender neste período de tempo. Muitos utilizam livros didáticos feitos para *homeschoolers* americanos. Desse modo, os pais importam os livros dos EUA para poderem utilizar na educação dos filhos e, muitas vezes, também utilizam materiais didáticos brasileiros, feitos para as escolas.

Se as coisas aqui no Brasil ainda não estão tão organizadas, a razão principal pode estar relacionada à dificuldade de legitimar essa forma de ensino para que os pedagogos e pesquisadores da área da educação possam começar a criar materiais para esse público, ajudando a aperfeiçoar essa prática. Nos EUA, onde é possível encontrar uma vasta variedade de livros didáticos para *homeschoolers*, oferece-se um número grande de métodos de ensino, planos curriculares, materiais pedagógicos, cooperativas de famílias que se unem para ajudar umas as outras, como um pai que ensina matemática para a filha do vizinho o retribui dando aulas de latim para seu filho. Também há atividades em conjunto, como campeonatos de debates realizados entre jovens que são educados em casa, colônias de férias, viagens etc. Comparado a tudo isso, nosso país ainda está no começo desse processo, mas, ainda assim, mesmo sem a aprovação do governo, algumas dessas atividades já acontecem entre famílias que educam os filhos aqui no Brasil. A regulamentação facilitaria o caminho das famílias brasileiras para chegarem ao mesmo nível de “prosperidade” em que se encontra no EUA.

A variedade de portas que a educação domiciliar pode abrir é enorme: desde viagens para aprendizado fora de época, em períodos que a criança estaria na escola, o que facilitaria em muitos sentidos o aprendizado direto e por “presença”, tanto devido ao valor mais barato “fora de temporada” como por uma maior liberdade para visitar tudo sem ter que seguir o cronograma corrido das excursões escolares

que, na maioria das vezes, não podem passar de um dia, e segue sempre o mesmo padrão, o que acaba prejudicando o aprendizado que a criança poderia ter com tal experiência. Com uma maior flexibilidade de horários, haveria mais tempo livre para irem a peças teatrais, cinema e tantas outras atividades culturais.

De certa forma, relacionando-se com a questão do método, um problema levantado ao se falar de *homeschooling* é a questão da socialização. Entretanto, em todas as análises e pesquisas já feitas, foi demonstrado que as crianças educadas em casa não são prejudicadas em nada por não frequentarem a escola, pois são sempre capazes de encontrar outros meios de socialização e de convivência.

As crianças educadas em casa estão tomando parte de rotinas diárias de suas comunidades. -Elas certamente não estão isoladas, na verdade, estão associadas com – e sentem-se próximos a – todo tipo de pessoa. Os pais delas podem tirar muito do crédito por isso. Pois, com o desenvolvimento social de longo prazo dos filhos em mente, eles ativamente os encorajam a tirar proveito das oportunidades sociais externas à família. As crianças educadas em casa estão adquirindo as regras de comportamento e os sistemas de crenças e atitudes de que necessitam. Elas têm boa autoestima e estão propensas a demonstrar menos problemas de comportamento do que outras crianças. Essas crianças podem ser mais maduras socialmente e também tem melhores habilidades de liderança do que outras crianças. Iguamente, parecem estar agindo efetivamente como membros da sociedade adulta. (MEDLIN, 2000, p.17, apud VIEIRA, 2012, p. 21).

E esta não é a única pesquisa, existe uma série de estudos que demonstram como as crianças educadas em casa, muitas vezes, conseguem se sair até melhor do que as educadas na escola. É uma pena que no caso do Brasil, por desinteresse tanto do governo como do meio acadêmico, o assunto ainda não seja tão estudado e não tenhamos pesquisas aprofundadas sobre essa realidade.

Com todos esses pontos apresentados, podemos ver como o *homeschooling* se aproxima de certo ideal apresentado por pedagogos que buscam um novo meio de ensinar, ou seja, de sair do padrão escolar: sala, sentado por quatro horas e meia escutando o professor, atividades, provas e para casa. O *homeschooling* possibilita entender que conhecimento está em toda parte, já que todos os momentos de nossa vida podem ser momentos de aprendizado.

4 UMA ANÁLISE DE RELATOS DE FAMÍLIAS BRASILEIRAS QUE VIVENCIAM A EDUCAÇÃO DOMICILIAR

Devido à dificuldade de contatar famílias que praticam a educação domiciliar no Brasil, por medo que muitas delas têm de serem denunciadas e sofrerem processos na justiça, conseguimos entrevistar apenas uma mãe de família que educa seus filhos em casa. Entrando em contato com a família através de e-mail, marcamos uma conversa via *Skype* na qual faríamos as perguntas sobre o dia a dia da família e sobre como o método é aplicado.

Mãe de três filhos, desde quando sua filha era pequena e estava na escola, ela já a ensinava em casa, promovendo praticamente todo o processo de alfabetização. Quando a criança chegava à escola, passava a maior parte do tempo ensinando os outros coleguinhas e auxiliando a professora, pois já dominava praticamente todo o conteúdo ministrado nas aulas.

[...] começamos a perceber que além do aspecto moral, más influências daquele ambiente vadio (escola), porque a criança passa as crianças em geral, passam muito tempo em um lugar, fazendo pouca coisa de útil, de relevante, mesmo. Muita bagunça muita zoeira, dispersão, é muito conteúdo sem “era nem bera”, entende? Mas, além disso, tudo, eu comecei a perceber que a minha filha estava se sentindo desmotivada, porque eu comecei a desenvolver um trabalho paralelo com ela em casa, e ela começou a se desenvolver muito rápido, e já estava fluente em leitura na segunda série, já lia, escrevia super bem. Mas, como as políticas das escolas, você não pode deixar ninguém para trás, as escolas nivelam por baixo, então toda a turma é forçada a diminuir o ritmo para acompanhar os que ficaram para trás, então a minha filha estava ficando muito aborrecida com isso.” (Fala da mãe entrevistada).

Devido a essa experiência e ao desânimo que começou a perceber em sua filha, que não se sentia motivada a aprender por conseguir se sair muito bem na escola, e sem grande esforço, somando à metodologia utilizada nas escolas públicas, ao ouvir falar sobre o *homeschooling*, a mãe se interessou pelo assunto, passou a procurar materiais de pesquisa, ir atrás de pessoas que tinham certa prática na área e, dentro de pouco tempo, retirou a sua filha da escola e começou a ensinar a mais velha, então com 7 anos e o mais novo, com 2 anos de idade. Nesse

processo de adaptação, ela buscou o auxílio de pedagogos e pessoas da área da educação, utilizou-se de livros didáticos brasileiros e americanos voltados para o ensino em casa.

É importante ressaltar que a família é de classe média, sem grandes recursos financeiros e que, a escolha de educar os filhos em casa e não poder contar com o salário de um possível emprego que a mãe poderia conseguir – por ser formada em filosofia –, trouxe uma série de limitações à família. Contudo, ela diz que encara todas estas dificuldades da melhor forma possível e que o sacrifício valerá a pena, tendo em vista o futuro de seus filhos.

“Essa é uma questão muito simples, é uma questão de prioridade, então, o que é mais importante para ti? É ter um sofá novo, um carro novo, fazer uma viagem de fim de ano ou ter certeza de que o teu filho está bem, que está aprendendo as coisas que ele tem que aprender naquele tempo, do jeito adequado a ele, com uma formação individualizada?! Eu não conseguiria dormir em paz, sabendo que eu preferi coisas em lugar da formação dos meus filhos. Então este foi um acerto muito fácil entre mim e meu marido, de que nós teríamos uma vida muito modesta.” (Fala da mãe entrevistada).

Em seu processo de ensino dos filhos, a mãe segue uma rotina diária de uma hora e meia de estudo para a filha mais velha e o mesmo período de tempo para o filho do meio. O terceiro, por ter apenas um ano, ainda não iniciou seu processo de educação. Nessa hora e meia, ela estuda com a mais velha, principalmente, Português, História, Matemática e Literatura, também pretende iniciá-la no estudo de Ciências, em breve. No caso do mais novo, ela está focando principalmente na alfabetização e no ensino de matemática básica. Apesar de este ser o tempo fixo de um estudo mais “concentrado”, os momentos de aprendizado vão muito além. A mais velha já faz aulas de piano e latim, aos 8 anos de idade e o mais novo, de violino. Em vários momentos, a mãe lê histórias para as crianças, focando na literatura, ao mesmo tempo em que recomenda para a filha uma série de leitura de textos literários, relata que a menina já se acostumou tanto, que muitas vezes termina mais rápido o livro indicado e já “corre” para a próxima leitura:

“Se chega visita aqui em casa, a minha filha quer contar sobre o que ela está lendo, sabe? Teve um dia que uma amiga e o filho vieram passar a tarde aqui em casa, não é que a minha filha pegou o Shakespeare para ler um trecho? Claro, não é o Shakespeare original, é uma versão adaptada, né. Mas ela queria contar.” (Fala da mãe entrevistada).

Este ano, ela estipulou conteúdos que seus filhos deveriam aprender, e disse que a filha conseguiu terminar todo o material de aprendizado de português em outubro, dois meses antes do prazo programado. Ela também tem se empenhado no ensino da língua estrangeira, dando aulas de inglês básico para sua filha.

“O próprio material de matemática de minha filha, sou eu que estou tentando organizar, e às vezes você tenta de um jeito e não vai, procura outro método, encomenda um material, conversa com alguma outra mãe, e assim vai indo. Não é o ideal, claro que não. O ideal seria que nós tivéssemos uma série de materiais disponíveis, como acontece nos EUA, que você pode escolher o currículo completo ano após ano. [...] Minha filha é por natureza uma menina competitiva, ela é uma menina aguerrida, se eu digo para ela que uma coisa é difícil, é um estímulo para ela, porque ela vai querer me mostrar que ela consegue. Essa coisa do latim, para ela, entrou porque ela me via estudando latim, e aí ela sentava do meu lado para estudar junto, e bom, já que tem esse interesse, nós conhecemos um local onde existe um curso de latim, conversamos com o professor e ele aceitou na hora dar aulas” (Fala da mãe entrevistada).

No processo de educação, quem mais se responsabiliza pelo ensino é a mãe, que não trabalha fora, e, nesse caso, seu marido a auxilia no sentido de, ao fim do dia, cobrar dos filhos o que aprenderam, passar exercícios de memorização e transmitir a eles o ensino religioso, utilizando-se do catecismo da Igreja Católica e dos exercícios de memorização de trechos da Bíblia, como salmos e orações.

Ela diz que pretende educar seus filhos por todo o período escolar, não tendo medo de pedir ajuda, e que já conseguiu auxílio de várias formas, desde doação de materiais a pessoas que oferecem cursos e aulas de graça para as crianças, que a ajudam no desenvolvimento das “aulas”, na forma de ensinar e nas melhores metodologias de alfabetização. Quando foi perguntado sobre a dificuldade que ela pode ter ao longo do período de educação dos filhos, pois a cada etapa as disciplinas específicas vão se tornando mais complexas, ela reafirmou que não hesitará em pedir ajuda e contratar professores particulares, fazendo o que for necessário, visando o melhor para os seus filhos. Importante ressaltar que, como a

mãe aponta, ela não tem nada contra a escola e, se optou por esta modalidade de ensino foi por questões circunstanciais:

“Eu sempre digo que nós não temos nada contra a escola, o problema é que nós não encontramos uma escola da forma como nós achamos que deveria ser, tanto em termos de conteúdo, como também em termos, eu diria até de cosmovisão, entende? A coisa foi transformada numa fábrica de crianças, uma fábrica de cidadãos. Mas assim como nós temos a experiência de ter professores legais que suprem essa questão do latim, as meninas que suprem a questão da música, eu não tenho problemas em procurar uma pessoa que possa ajudar em uma matemática mais avançada, ou em química, ou em biologia, não tenho problema, e eu acho até bom assim, porque ela tem a oportunidade de aprender com outras pessoas, de outra maneira. Agora, por exemplo, no latim, já fazem alguns meses que tem outra família de homeschoolars que está fazendo aula junto, então já é uma turminha estudando junto, sem ser aquele ambiente de escola em que o pessoa está ali obrigado, sem ter a menor ideia de para que aquilo serve, porque acredita em algumas coisas mais menos comuns e isso é ótimo.” (Fala da mãe entrevistada).

É importante notar que, com todos os problemas que a educação brasileira enfrenta atualmente, não é de se espantar que muitos pais busquem outros meios de concretizar o desenvolvimento humanístico e cultural de seus filhos para que eles possam, quem sabe, alcançar um pleno desenvolvimento humano. Como aponta Morin:

A complexidade humana não poderia ser compreendida dissociada dos elementos que a constituem: todo o desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana. (MORIN, 2000, p.55).

Com relação à questão da socialização, ela foi clara em afirmar que as crianças nunca tiveram problemas com isso, pois convivem frequentemente com outras crianças, filhos de amigos, familiares, igreja e, se saem até melhor do que as crianças da escola, por também poderem ter um contato muito maior com adultos.

“Quando me colocam essa questão da socialização, a escola como o local por excelência da socialização, eu já começo me encriscando com a pergunta, entende? Por que, qual é a finalidade da escola? A criança está indo lá para que, para aprender ou para passar um tempo com os amigos?

Porque se o importante é passar o tempo com os amigos, a gente tem clube, igreja, outras famílias, parentes, entende? Então assim, é uma pergunta deslocada, é claro que a socialização acontece na escola, mas é a socialização pela socialização? Qual é a qualidade dessa socialização? E tem outra coisa que eu acho que as pessoas não se dão conta, é o seguinte, se a criança não sabe se relacionar com a própria família, se ela não sabe se relacionar com seus irmãos, se não sabe dividir, respeitar, é fora de casa que ela vai aprender isso? As maiorias das famílias hoje estão empurrando a bola para a escola, então os professores têm que dar conta de tudo, e isso é muito injusto, porque depois o resultado não vem. Porque não tem como vir, não é incumbência de professor isso, entende? E eu vejo nos meus filhos e nos filhos de outras famílias que educam em casa, como as crianças têm um desempenho social muito superior, entende? Porque são crianças educadas, que sabem conversar com pessoas de diferentes faixas etárias, não conversam só com crianças, não se formam grupinhos, elas sabem interagir com todo mundo e com educação e segurança de si, porque são crianças amadas. Agora, essas crianças que são “abandonadas” nas escolas públicas, elas, muitas vezes, são inseguras. Então, existe uma série de coisas que as pessoas não estão refletindo ao colocar essa questão, e eu entendo, o *homeschooling* ainda é algo novo, e as pessoas não sabem nem como pensar a respeito.” (Fala da mãe entrevistada).

Outro aspecto que também vale a pena ser destacado é como a educação em casa também vai criando certa autonomia nas crianças, tanto que a mãe afirmou que, foi sua filha quem se interessou pelo estudo do latim. Com essa experiência, temos que ressaltar também, a grande importância da educação pelo exemplo. Ao educarem os filhos em casa, os pais têm de ser um exemplo da educação que procuram para os filhos e precisam despertar em si próprios o gosto pela leitura, se quiserem que os filhos também gostem de ler, bem como terem a curiosidade ativa e sempre quererem aprender coisas novas, se esforçando para ir além. Com os filhos passando tanto tempo com os pais, há mais uma transferência de hábitos, que também deve ser colocada em evidência.

Do ponto de vista jurídico, a família não é acompanhada pelo governo e nem conseguiu nenhum tipo de aprovação para educar os seus filhos em casa, podendo, a qualquer momento, ser acionada pelo Ministério Público, que poderá exigir dela que as crianças voltem para escola. Apesar disso, a mãe diz não ter tido nenhum tipo de problema com isso e que não tem medo de enfrentar os que possam aparecer.

Buscando transmitir também uma experiência de alguém passou por todo o

processo de educação via *homeschooling*, fomos atrás de uma americana. Através de emails, enviamos as perguntas para que ela pudesse respondê-las e nos contasse como foi o seu processo de educação domiciliar.

Sobre o porquê de ter vivenciado a educação domiciliar, Michelle disse que seus pais escolheram o método por três motivos principais: era algo que a comunidade na qual ela estava inserida estava passando a adotar com frequência, pois havia um suporte para famílias que optassem pela educação em casa e era possível pensar em uma forma de vida educando os filhos dessa maneira, visto que já era algo aceito e conhecido por boa parte da sociedade americana; sua mãe acreditou que esse método poderia dar a ela e aos irmãos uma maior qualidade de educação do que eles teriam na escola pública; os pais não queriam que eles fossem influenciados pela cultura dominante, que ia contra os valores morais e religiosos da família.

No processo de educação, a família dispunha de vasto material e de recursos, desde materiais didáticos, como videoaulas, áudios, auxílio de cooperativas, o que também era uma grande forma de auxiliar na socialização, além de viagens, prática de esportes, clubes de leitura, clube de debates etc. A maior parte das disciplinas eram oferecidas pelos pais, contudo, também contaram com o auxílio de tutores, como foi o caso das aulas de escrita e música.

Nós tivemos um vasto número de recursos educacionais. Nós usamos métodos de auto-educação, aprendemos através de livros, vídeos, áudios. Também fazíamos parte de cooperativas, nas quais participávamos de viagens, esportes e clubes com outras famílias de homeschoolars. Nós também trabalhamos com professores particulares, para algumas matérias. Por exemplo, eu tive um professor particular de escrita e outro de música⁴. (Resposta da americana, tradução nossa).

Um ponto alto na educação dela e dos irmãos foi a educação artística, até mesmo pelas circunstâncias. –As crianças tinham poucos brinquedos, mas um variado leque de materiais artísticos, desde pintura à música. Eles eram encorajados

⁴We had a wide range of educational resources. We use self- education methods , we learned through books, videos , audios . Also were part of unions, which took part in trips, sports and clubs with other families of homeschoolars . We also work with private teachers for some subjects. For example, I had a private teacher of writing and other music.

a criar arte, música, dança e teatro, como forma de diversão e brincadeira e também de aprendizado. À medida que cresciam, os pais foram encontrando tutores de acordo com a preferência de cada filho. Michelle passou a ter aulas de piano, violino, guitarra e canto. -Eles também frequentavam muitos museus, teatros e cinema.

Nos era dado muitas oportunidades para experienciar o estudo artístico. Primeiramente, minha família possuía poucos brinquedos, mas um grande número de materiais artísticos. Nós éramos encorajados a criar arte, música, dança e drama para nos divertir. Além disso, nos era exigido que aprendêssemos a tocar algum instrumento. Eu também me lembro de pegar algumas aulas de arte na educação secundária. À medida que fomos ficando mais velhos, nossos pais encontraram tutores de acordo com nossa área de interesse. Eu aprendi a tocar piano, violino, guitarra e tive aulas de canto. Minha irmã aprendeu piano, flauta e pintura. Meu irmão estudou piano e guitarra. Nós também fazíamos muitas visitas aos museus e íamos muito ao teatro e ao cinema (Reposta da americana, tradução nossa).

Novamente, sobre a questão da socialização, ela disse não ter tido nenhum problema com isso, pois sempre frequentou muitos grupos da igreja, sempre teve muitos amigos, família unida e se sentiu feliz por ter podido conviver com adultos, acreditando que isso melhorou a sua capacidade de conviver com pessoas diferentes.

Em relação a questões legais, no estado da Virgínia, local onde ela morava, o processo para conseguir a liberação do governo foi muito tranquilo. Uma vez por ano ela tinha que passar por um teste para avaliar o seu desempenho acadêmico e, ao fim do período escolar, ela recebeu um diploma e passou por uma pequena cerimônia de jovens educados em casa e que estavam se formando.

Após terminar os estudos, ela não teve nenhuma dificuldade em conseguir um emprego ou entrar para a faculdade, sendo que começou a cursar psicologia aos 16 anos, se formando aos 20. Chegou a passar em primeiro lugar em um processo de seleção para cursar uma pós-graduação, mas não aceitou, pois se interessava em trabalhar e viajar primeiro. Desde então, já trabalhou em um consultório médico, em uma igreja e como professora de inglês. Atualmente, mora no Japão e tem dado aula de inglês para a população local. Diz estar muito feliz com essa nova experiência e, no futuro, pretende voltar a estudar, como forma de aprendizado e

também para abrir novas possibilidades de trabalho. E termina afirmando que, para ela, aprender nunca foi algo ligado apenas aos “estudos padrões”, que a gente só encontra na escola, aprender é um modo de vida, algo que ela sempre procura.

Com esses dois relatos, procuramos apresentar experiências distintas, saindo do teórico para demonstrar, na prática, como o método pode funcionar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste artigo, esperamos ter apresentado uma introdução ao tema da educação domiciliar, mostrando a vastidão da área de estudo analisada e que ainda há muito a ser feito. Com isso, nossa intenção foi a de tentar fomentar o debate no meio acadêmico e apresentar a questão da educação domiciliar para aqueles que ainda não a conheciam, assim como demonstrar que a situação desse método de ensino não é algo distante do nosso país. Desde que começou a ser divulgado no Brasil até hoje, o *homeschooling* já foi razão para quase uma dezena de projetos apresentados em congresso, tem mobilizado centenas de famílias e, como é o papel da universidade também estar atenta ao que surge de novo na área da educação, chega a causar espanto o quão pouco se escreveu a respeito.

Com a apresentação dos relatos colhidos através de entrevistas, tentamos demonstrar que, primeiramente, não se trata de mero abstracionismo, havendo pessoas que estão tendo grande êxito no ensino dos filhos utilizando esse método e, buscando uma experiência de alguém que foi educado dessa forma, tivemos a intenção de mostrar que a pessoa conseguiu se desenvolver muito bem, teve uma carreira acadêmica até com certo destaque e não tem arrependimentos de ter sido educada dessa forma.

Depois de tudo que foi analisado, podemos dizer que a educação domiciliar não irá simplesmente se extinguir no Brasil, e, provavelmente, é uma questão de

tempo até que seja legalizada. E, caso o seja, muito trabalho terá de ser feito, pois ainda será preciso pessoas que se interessem pela área, que pedagogos que criem materiais de auxílio, assim como professores de outras áreas, como letras, história, geografia etc. Esperamos ter acendido, ao menos, uma pequena chama no coração de pessoas envolvidas na área da educação, pois acreditamos que ainda há muito a ser feito e a ser esclarecido. Por essa razão, as pesquisas e trabalhos têm de continuar.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Reinaldo. **Fora, Haddad! alunos do Acre, governado pelo PT, estavam sendo obrigados a assistir filmes do “kit gay” vetado por Dilma.** [S. l.]: Editora Abril, 3 jun. 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/fora-haddad-alunos-do-acre-gov-ernado-pelo-pt-estavam-sendo-obrigado-a-assistir-filmes-do-%E2%80%9Ckit-gay%E2%80%9D-vetado-por-dilma/>>. Acesso em: 13 out. 2014.

BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro. **Ensino em casa no Brasil: um desafio à escola?**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-07082013-134418/>>. Acesso em: 16 out. 2014.

BOUNDENS, Emile. Ensino em casa no Brasil. **Estudo**, Brasília, jan. 2002. p. 4. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/estnottec/pdf/200417.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2014.

DUMAS, Tanya K.; GATES, Sean; SCHWARZER, Deborah R. **Evidence for Homeschooling: Constitutional Analysis in Light of Social Science Research.** *Widener Law Review*, Forthcoming. Disponível em: <<http://ssm.com/abstract=1317439>>. Acesso em: 10 out. 2014.

GRIFFITH, Mary. **The Unschooling Handbook: How to use the whole world as your child's classroom.** 2. ed. New York: Three Rivers Press, 1998.-

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas.** 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro.** 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

SAUCEDO, Lhuba Ima Muchinski. **Homeschooling: análise jurídica do ensino domiciliar no Brasil.** 2013. 41 f. Monografia (Direito) – Universidade Federal do Paraná, 2013.

SIMONS, Udo. A escola escanteada. **Revista Educação**, maio, 2013. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/193/a-escola-escanteada-288372-1.asp>>. Acesso em: 10 out, 2014.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. A educação doméstica no Brasil de oitocentos. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 28, n. 14, p. 24-41, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.revistaeduquestao.educ.ufrn.br/pdfs/v28n14.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2014.

VIEIRA, André de Holanda Padilha. **"Escola? não, obrigado": um retrato da homeschooling no Brasil.** 2012. 76 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais)- Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/3946?mode=simple>>. Acesso em: 16 set. 2014.